

CAPÍTULO I

VAMPIROS OU NEM POR ISSO



Sentado no telhado da casa onde vivia, o jovem Valentim abriu um caderno novo, de capa azul, e escreveu na primeira folha, em letras bem gordas:

"As crônicas do Vampiro Valentim"

Do interior da casa, a mãe chamou-o:



– VALENTIM,
ANDA DORMIR.
É QUASE DIA.

– Já vou – respondeu
ele a tentar arranjar
uma nova posição.

VAMPIROS

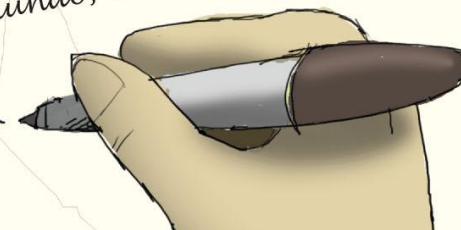


OU NEM POR ISSO

Era aquela a melhor hora para imaginar os seus poemas e histórias. Naquele caderno, porém, ia contar a história da sua nova vida. Talvez assim pudesse compreender o que lhe estava a acontecer. E não era pouco, podem crer.

Por isso, virou mais uma folha e escreveu:

*Faz hoje dois anos que morri e sinto-me
lindamente. Para alguém que está
morto há algum tempo, naturalmente.
Sim, há vida depois da vida. Ficam a
saber. Pelo menos para alguns, como
eu, ou como a minha família, que
viveu o que eu vivi. Morremos todos ao
mesmo tempo e ainda por cá andamos.
Sim, há outro mundo, há outra vida;
mas é aqui.*





- Somos imortais, capazes de

VENCER A MORTE

- disse o Avô, à porta do jazigo, a inspeccionar as redondezas.

- Somos vampiros - insistiu o Pai, tristemente.

- Nem por isso, Pai, nem por isso - lembrei eu.

Como sempre, acordámos todos com fome; mas, desta vez, não era de torradas com manteiga.

Era mais uma sede.



- Tenho fome, mas não sei de quê - disse o Avô. - E tenho estado a pensar nisso. Sabem o que me apetece? Um chouriço.

- Um chouriço de sangue - disse a Dentinho.

- Não sei porquê, mas também comia um.

Eu ia dizer que não era isso que me

apetecia, mas, de repente, também era isso

que me apetecia e não disse nada.

